

Econ. Brasil

# MINISTRO PREVÊ EXPANSÃO MODERADA

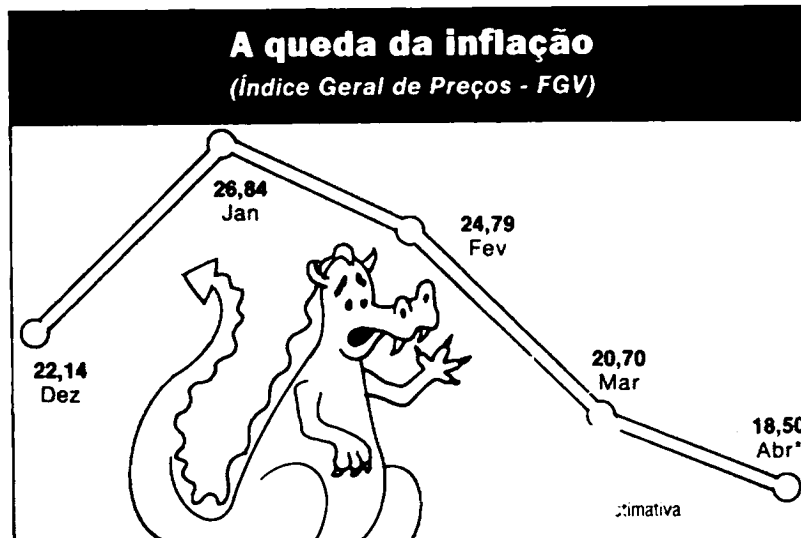
Ao completar um ano de gestão, Marcílio diz que economia crescerá 2% neste ano.

Há sete meses, a inflação oscila na casa dos 20%. O que em outros tempos seria uma porta aberta à hiperinflação e ao descontrole, transformou-se, por efeito do estilo apaziguador do ministro Marcílio Marques Moreira, em indicador de estabilidade, segundo avaliam empresários e economistas. Ou seja, o fato de a inflação permanecer parada nos 23, 24%, confere credibilidade à política econômica em curso. E o próprio ministro da Economia, que ontem completou um ano no cargo, deu a boa notícia em entrevista publicada ontem pelo **O Estado de S. Paulo**:

"Podemos ter uma moderada expansão da economia a partir deste mês. Deveremos ter crescimento, liderado obviamente pela agricultura, que puxa o setor de transportes e o comércio. É esperado um crescimento de 2% para este ano, em comparação com o 1,4% de 91."

O ministro se disse satisfeito diante dos resultados de pesquisa realizada pelo **Estado**, junto a empresários, economistas, deputados e sindicalistas sobre sua atuação nestes 12 meses. Numa escala de 0 a 10, Marcílio obteve uma média de 5,4 pontos. Em sua caminhada habitual por Ipanema, foi interrompido por um cidadão que pediu a liberação de dinheiro pela União. Atencioso, o ministro informou que o Tesouro já liberou o equivalente a US\$ 20 bilhões (Cr\$ 50 trilhões) em cruzados novos e deve liberar US\$ 7 bilhões (Cr\$ 17,5 trilhões) nos próximos quatro meses. "Não é fácil", disse.

O rígido controle do dinheiro público, um dos pontos cruciais da estratégia de Marcílio, produziu desde o início de sua gestão uma barragem de críticos. A começar pelos governadores que, neste ano de eleições, têm obras projetadas que dependem da aprova-



ção de novos empréstimos — para os quais é necessário aval do Banco Central, até aqui impermeável a qualquer pedido. Alinharam-se nessa mesma linha de confronto os ministros de perfil político, que pelas mesmas razões necessitam de verbas para influenciar nas eleições. E não só eles: também os ministros militares

que, para os orçamentos com a inflação, se mobilizam para garantir os salários e isonomia entre os três poderes. E a maioria dos empresários, por sua vez, teme o binômio recessão-inflação, que produz um balanço catastrófico de prejuízo contábil para os negócios e presas de capital aberto em 91. Contra es-

sas pressões, Marcílio coloca o que já conseguiu: "Antes de mais nada, uma estabilidade nas regras do jogo. A estabilidade é um pressuposto da previsibilidade, que é indispensável para o funcionamento de uma economia de mercado. Outro pressuposto é a liberdade de preços: hoje, não há mais preço sob controle. A inflação ainda é alta, mas ela é transparente e já caiu de algo perto de 30% para 20%, segundo os indicadores".

A prioridade do ministro, neste segundo ano, é processar o ajuste fiscal, ponto nevrálgico do acordo com o FMI e de cujo êxito depende o controle da inflação.

Na frente política, o ajuste estará sendo debatido no Congresso, que receberá nos próximos meses o projeto de reforma tributária. Mas sua aprovação é problemática, por causa do envolvimento de toda a classe política com as eleições.

“Seria melhor que o meu sucessor fosse o Magri”

(Ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, maio de 1991)

“O embaixador Marcílio Marques Moreira tem um perfil mais adequado para o que o governo precisa”

(Economista Luiz Gonzaga Belluzzo, maio de 1991)

“Vai facilitar a negociação da dívida e tranquilizar os empresários. Acabarão os choques econômicos”

(Deputado Roberto Campos, maio de 1991)

“Sou contra a recessão. Estamos fazendo esse esforço de estabilização para sair de uma recessão que dura 12 anos”

(Marcílio Marques Moreira, abril de 1992)

11 MAI 1992